

FERRAMENTAS *WEB 2.0* NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE CONTEXTOS DE UTILIZAÇÃO EM UMA ESCOLA DE IDIOMAS

Odla Cristianne Patriota Albuquerque

Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB
odlachris@gmail.com

João Batista Bottentuit Junior

Departamento de Educação II
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
jbbj@terra.com.br

Resumo

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa em nível de mestrado que examinou em que medida o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) facilita o processo ensino-aprendizagem de Inglês na escola de idiomas *Yázigi* em São Luís. Nesta investigação, verificou-se como se dá a utilização das TIC e identificaram-se as ferramentas da *web 2.0* mais usadas durante as aulas. Geraram-se dados dos docentes e discentes através de questionários, grupos focais e observações não-participantes. Os dados gerados pelas questões fechadas foram tratados com estatística simples, e as questões abertas - referentes aos questionários e narrativas dos grupos focais - foram tratadas utilizando-se a análise de conteúdo das falas e opiniões das amostras estudadas. Parte dos dados foi analisada atentando para os oito princípios do *Conectivismo* (Siemens, 2004), assim como, os objetivos propostos na pesquisa. Concluiu-se que as ferramentas da *web 2.0* são utilizadas pelos docentes desde o planejamento das aulas até o seu uso em sala, assim como no acompanhamento dos resultados de aprendizagem. Discentes utilizam as ferramentas da *web 2.0* de forma orgânica e não-intencional para o estudo da língua-alvo. Contudo, ambos os grupos afirmam a importância do uso de tais ferramentas, além dos discentes inferirem que o interesse por estudar a língua-alvo aumenta ao usarem as ferramentas da *web 2.0*.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Ferramentas. Língua Inglesa. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). *Web 2.0*.

WEB 2.0 TOOLS IN EDUCATION: A STUDY ABOUT USE CONTEXT IN A LANGUAGE SCHOOL

Abstract

This article presents part of a Master's research that questioned in which way the use of information and communication technologies (ICT) facilitates the English teaching and learning process at Yázigi Language school in São Luís. In addition, the way ICT are used in English classes was verified, along with the web 2.0 tools most used in the process. Data from teachers and students were gotten through questionnaires, focus groups and non-participant observations. The data achieved by closed questions were treated with simple statistics, while open questions concerning the questionnaires and narratives from the focus groups were treated using the content analysis of the statements and opinions regarding the samples. Part of the data generated was analyzed keeping in mind the eight principles of Connectivism (indicated by Siemens, 2004), as well as the objectives proposed in this study since its beginning. It was concluded that web 2.0 tools are used by teachers for the planning of lessons and their use in the classroom. In addition, they are used for monitoring learning outcomes. On the other hand, the students use the web 2.0 tools to study the target language in an organic and unintended way. Nevertheless, both groups assured it was important to use those tools. Moreover, students have inferred that their interest in studying the target language increases as web 2.0 tools are used in class.

Keywords: Teaching and learning. Tools. English Language. Information and Communication Technologies (ICT). Web 2.0.

INTRODUÇÃO

Temos testemunhado no século XXI os impactos da Internet na vida humana cotidianamente, assim como observamos quebras de paradigmas nunca antes imaginadas: marcam-se reuniões por ferramentas de comunicação instantânea como o *Skype*, aulas de qualquer disciplina podem ser assistidas pelo *site YouTube*, ouvintes escutam suas músicas favoritas pelo *Spotify* e dúvidas antes sanadas pelo

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

conteúdo disponível nos pesados volumes da enciclopédia *Britannica* são solucionadas na enciclopédia colaborativa *online* mais acessada de todos os tempos: a *Wikipédia*.

Quando Kenski (2003) menciona que a evolução social do homem se confunde com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época, percebemos que isso não poderia ser diferente destes tempos nos quais a rede mundial de computadores impera. Seja em casa, no trabalho, no lazer ou mesmo, durante as refeições, o uso de ferramentas disponibilizadas na rede nada mais é do que natural para aqueles que vivem tempos nos quais o espaço físico perde o sentido em virtude do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Realizamos atividades diversas em espaços diferentes e ao mesmo tempo: somos um conjunto de nós interconectados em uma *Sociedade em Rede*, como mencionado por Castells (2003). Mas, será que o acesso a tanta informação auxiliou o processo ensino-aprendizagem?

Martha Gabriel (2013) afirma que com o advento das redes sociais *on-line*, tecnologias *mobile*, realidades mistas, tecnologias de voz, vídeo imersivo, *games* e *e-books*, o cenário de comunicação, interação e aprendizagem são ampliados. Contudo, tais mudanças tanto podem auxiliar quanto podem atrapalhar os processos educacionais uma vez que os aprendizes se perdem em meio a um mar de informações, necessitando de um farol. Assim, o papel do professor é reconceituado no sentido de que o cenário desta *Sociedade em Rede* suportado pelas TIC requer um professor que não só entenda como o uso das ferramentas ofertadas pela rede é usado na Educação, mas que, sobretudo, entenda que seu aluno vê o mundo através de uma nova tela, seja em um *smartphone*, em um *tablet*, ou em um quase obsoleto *desktop*.

E se a Internet já trazia novos modelos de se obter informação (*web 1.0*), a possibilidade de se consumir e produzir informação (*web 2.0*) muda o status do usuário da rede. Assim, a *web 2.0* definida por Lisbôa et al (2009) como a segunda geração tecnológica de serviços da Internet que tem como denominador comum a colaboração e a partilha de conhecimentos, se concretiza como impulsionadora da

participação de grande parte dos usuários na rede, tornando-os produtores de informação, não apenas consumidores.

E em que língua está a maior parte das informações disponíveis na rede? O idioma global de comunicação e a língua universal da Internet é o **Inglês** (OLIVEIRA; CARDOSO, 2009), sendo ferramenta indispensável para educadores e pesquisadores. Indubitavelmente, pesquisas locais tornam-se globais quando publicadas na rede em Inglês, permitindo que acadêmicos tenham acesso à mesma informação independente de espaço e tempo.

Assim, este estudo de caso - parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado - examinou em que medida o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) facilita o processo ensino-aprendizagem de Inglês na escola de idiomas *Yázigi* em São Luís, no Estado do Maranhão. Verificou-se como se dá a utilização das TIC e identificaram-se as ferramentas da *web 2.0* mais usadas em aulas de Inglês na escola em estudo. O objetivo geral da pesquisa realizada foi investigar as potencialidades das ferramentas da *web 2.0* e as suas utilizações junto ao corpo docente e discente da escola.

A proposta deste estudo de caso é apresentar **alguns** dos resultados mais relevantes obtidos ao final da pesquisa, em especial aqueles que nos abrem caminhos para novas pesquisas.

Compreendendo a Pesquisa

A investigação teve como metodologia o estudo de caso, onde foram estudados fatos, situações e objetos, que permitiram seu amplo e detalhado conhecimento. Durante o estudo de caso, foi realizada uma pesquisa de campo de natureza exploratória e descritiva, proporcionando uma visão geral acerca do uso das TIC em Educação e das ferramentas da *web 2.0* no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa na escola de idiomas *Yázigi* em São Luís. O método escolhido permitiu conhecermos e interpretarmos a realidade na qual estávamos inseridos, sem nela interferir para modificá-la. A escolha da escola de idiomas *Yázigi* em São Luís se deu em virtude desta instituição de ensino utilizar as tecnologias no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa desde a sua fundação há mais de 40 anos.

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

Como abordagem ao estudo a ser realizado, foi utilizada a pesquisa quantitativa no que concerniam os fatos relativos ao mundo concreto, objetivo e mensurável (FIGUEIREDO; SOUZA, 2011). Foram estudados: (a) quantas e quais eram as ferramentas da *web 2.0* que o *Yázigi* utilizava junto aos discentes; e (b) quais e quantas turmas as utilizavam e com que frequência.

Também foi realizada uma pesquisa qualitativa, onde a preocupação inicial foi o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes (FIGUEIREDO; SOUZA, 2011). Foi o momento em que se estudou: (a) a percepção de docentes e discentes quanto ao uso das ferramentas da *web 2.0* no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa; e (b) o valor dado por docentes e discentes ao uso das ferramentas da *web 2.0* no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa.

O universo pesquisado foi composto pelo corpo discente do *Yázigi* em São Luís, formado por 906 alunos¹, bem como seu corpo docente, composto por 22 professores de Língua Inglesa. Desse universo, trabalhou-se com uma amostra não-probabilística por conveniência, a qual contemplava alunos a partir de 13 anos de idade das turmas de nível Básico ao nível Avançado de Inglês (as turmas do infantil não fizeram parte da pesquisa por ainda não apresentarem maturidade suficiente para responder às perguntas dos questionários e do grupo focal), totalizando 378 alunos com o perfil escolhido para a pesquisa em curso.

Considerando a tabela para determinar a amplitude de uma amostra proposta por Gil (2010, p. 112), tínhamos 114 alunos como tamanho de amostra para um nível de confiança de 95%, com margem de erro 5%, para uma população de aproximadamente 378 alunos, dentro do perfil delimitado para a pesquisa. No caso do corpo docente, os 16 professores que trabalhavam com grupos de alunos acima de 13 anos fizeram parte do tamanho da amostra estudada.

Para a coleta de dados, foram usados os seguintes instrumentos:

¹ Número de alunos matriculados no segundo semestre de 2014 conforme informado pela coordenação da escola.

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

- a) Questionários – que foram compostos por questões fechadas e abertas, concernentes à presença, à utilização e à frequência de uso de ferramentas da *web 2.0* no ensino-aprendizagem de Inglês. Tais questionários foram elaborados usando a ferramenta *Google Docs* segundo os objetivos da pesquisa proposta e enviados *a posteriori* para a validação de três professores doutores que investigam Educação e o uso das tecnologias. Após a validação e adequação dos questionários, procedeu-se com a sua aplicação via envio eletrônico entre os dias 6 e 10 de Junho de 2014, e através de visita da pesquisadora *in loco*, utilizando-se o laboratório de informática da escola nos dias 13 e 14 de Junho de 2014.
- b) Grupo Focal – foi realizado um grupo focal com roteiro previamente definido, concernente à temática em estudo na própria escola de idiomas, com grupos de docentes e discentes. O grupo focal com os docentes aconteceu no dia 24 de Outubro de 2014 e era formado por oito professores - com idades variando entre 25 e 49 anos, quando foram abordadas questões referentes ao uso das ferramentas de *web 2.0* em aulas, bem como a forma de acompanhamento de resultados obtidos quando tais ferramentas são utilizadas em aula. Em relação aos discentes, o grupo focal aconteceu em 06 de Dezembro de 2014, com um grupo formado por sete alunos, com idades variando entre 13 e 58 anos, quando foram abordadas temáticas concernentes ao uso de ferramentas da *web 2.0* para o estudo de Inglês, à percepção da importância do uso de tais ferramentas e aos resultados obtidos quando do seu uso. Ambos os grupos focais foram gravados em vídeo e apresentavam aproximadamente duas horas de duração, cada.
- c) Observação não-participante – nesta etapa, a pesquisadora observou situações e comportamentos que julgou importantes no decorrer das aulas de Inglês, quando houve o uso de ferramentas de *web 2.0* por parte dos docentes e discentes, sem interferir na realidade assistida. Tal atividade foi desenvolvida no decorrer de aulas observadas nos períodos de 11 e 18 de Outubro e 20 e 22 de Novembro de 2014. Pôde-se, assim, identificar como era realizado o uso das ferramentas em estudo e qual era o *feedback* dos discentes no decorrer das aulas.

Para a análise dos dados gerados, procedeu-se com os seguintes passos:

- a) Os dados gerados por meio das questões fechadas foram tratados com estatística simples, através do *software Excel*, ao passo que as questões abertas referentes aos questionários e às narrativas dos grupos focais foram tratadas utilizando-se análise de conteúdo das falas e opiniões das amostras obtidas;
- b) Foi realizada uma análise de todos os dados gerados, de forma a correlacioná-los para obter conclusões mais precisas acerca do uso das ferramentas da *web 2.0* no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, por parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa;
- c) Parte dos dados gerados foi analisada tendo em mente os oito princípios do *Conectivismo* (indicados por Siemens, 2004), assim como os objetivos propostos na pesquisa desde o seu início.

A seguir, comenta-se a respeito do cenário no qual a pesquisa foi desenvolvida.

O Cenário da Pesquisa

A *Sociedade em Rede* pede um novo modelo de Educação que surge impactado pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. Além disto, os alunos do século XXI são a primeira geração que cresce em meio à tecnologia digital, a qual transformou a configuração de como se acessa e constrói o conhecimento.

Neves (2007), assim como Gabriel (2013), comenta como a história que presenciamos até então é algo formidável no que tange a comunicação. Vive-se um tempo em que:

[...] uma máquina gigantesca de comunicação e estocagem de conhecimento com um nível altíssimo de acessibilidade instantânea [...] é quase um organismo vivo de conhecimento, nutrido de bits e bytes que todos nós injetamos através de milhões e milhões de computadores conectados dia e noite (NEVES, 2007, p. 19).

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

São transformações assim que apresentam um indivíduo que não “está” conectado, mas que “é” conectado. Gabriel (2013) nos lembra que “ser” conectado apresenta a ideia de que não se está na rede, mas de que se vive em simbiose com ela. “Ser” conectado significa poder expressar-se, publicar, atuar, escolher, opinar, criar e influenciar. Portanto, o acesso à informação começa na palma da mão dos indivíduos em seus *tablets* e *smartphones*, os quais a analisam comentam e compartilham. Assim, o modelo educacional é transformado pela conexão e pela distribuição de conhecimentos (GABRIEL, 2013).

Fava (2014) nos lembra ainda que as TIC não modificam “o que” aprendemos, mas alteram o modo “como” aprendemos. O autor menciona que o processo ensino-aprendizagem tornou-se coletivo, o que nos possibilita usufruir dessa enorme *inteligência coletiva* - termo cunhado por Pierre Lévy (2003, p. 28) que se refere à inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real e que resulta em uma mobilização efetiva das competências. A *inteligência coletiva* reconhece as habilidades espalhadas nos indivíduos, no intuito de coordená-las para serem utilizadas pela coletividade.

Bembem e Santos (2013, p. 142) enfatizam que os “intelectuais coletivos” só poderão se reunir em um mesmo ambiente a partir da mediação das TIC, pois tais tecnologias propiciam a sinergia dos saberes dos indivíduos. As autoras também advertem que a coordenação dos saberes pode ocorrer no *ciberespaço*, o qual não é apenas composto por tecnologias e instrumentos de infraestrutura, mas também é habitado pelos saberes e pelos indivíduos que os possuem (LÉVY, 2000). É o *ciberespaço* que permite a interligação entre os indivíduos, independentemente do local geográfico em que se situam, desterritorializando os saberes e trabalhando com base no desenvolvimento da *inteligência coletiva*.

É nesse cenário que os estudos de dois canadenses, Stephen Downes e George Siemens, surgem como resposta para a questão de qual teoria de aprendizagem suportaria o uso das TIC no que concerne à utilização da Internet em Educação. Siemens, no seu artigo de 2004 - “Conectivismo: uma teoria da aprendizagem para a era Digital”- nos apresenta o *Conectivismo*, teoria que

responderia às novas realidades de desenvolvimento tecnológico e à sociedade organizada em rede.

Para Siemens (2004), as teorias de aprendizagem desenvolvidas e apresentadas até então (Behaviorismo, Cognitivismo e Construtivismo) faziam parte de um cenário no qual ainda não havia o benefício do impacto do uso das TIC no processo ensino-aprendizagem. Esse cenário tem favorecido o estabelecimento de novas formas de interação social e, sobretudo, de aprendizagem. Por esse motivo, as necessidades e teorias de aprendizagem devem refletir o ambiente social onde estão presentes.

Se entendermos que a aprendizagem não acontece de forma individual e, além disso, não linearmente, percebe-se que as teorias até então empregadas verdadeiramente não atendem às mudanças ocorridas no processo de aprendizagem contemporâneo. Siemens (2004) afirma que muitas questões importantes são levantadas quando teorias de aprendizagem já estabelecidas são vistas “através” da tecnologia. O autor ressalta ainda que a tentativa natural dos teóricos é continuar a revisar teorias ao passo que as condições mudam. No entanto, há certo ponto em que as condições subjacentes têm se alterado tão significativamente que maiores modificações nas teorias pré-existentes não seriam mais sensatas. O estudioso é enfático ao dizer que uma abordagem totalmente nova é necessária.

Portanto, levamos em consideração que o *conectivismo* é uma das teorias que tenta explicar a aprendizagem através do uso das redes (BOTTENTUIT JUNIOR, 2010, p. 81), já que estamos tratando de um momento no qual os aprendizes estão interligados via rede, para uma infinidade de atividades: desde a troca de mensagens via aplicativos em seus *smartphones* até pesquisas acadêmicas desenvolvidas em parceria com universidades a quilômetros de distância através de ambientes virtuais de aprendizagem.

Siemens (2004, s.p.) define *conectivismo* como: “[...] a integração dos princípios explorados pelas teorias do caos, de rede, da complexidade e da auto-organização.” Para o estudioso dessa teoria, a aprendizagem é um processo que

ocorre dentro de ambientes nebulosos de mudança de elementos fundamentais – não exatamente sob o controle individual.

Observamos no decorrer do artigo escrito por Siemens (2004), a menção à necessidade de entender como a capacidade de formar conexões entre as fontes de informação e, dessa forma, criar padrões úteis de informação, é o requisito para aprender em nossa economia do conhecimento.

Stephen Downes (2011) conceitua o *conectivismo* como a tese de que o conhecimento é distribuído por uma rede de conexões e, portanto, que o aprendizado consiste na habilidade de construir e passear por estas redes. Ou seja, o conhecimento não está localizado em lugar algum, mas, sim, nas redes de conexões. Downes (2002) também afirma que a aprendizagem se tornará cada vez menos estruturada e mais aberta. Inegavelmente, o aprendiz deverá saber acessar os inteligentes coletivos para responder aos seus questionamentos. Além disso, também será motivado a compartilhar informação na rede.

Sobre esse compartilhamento, Gabriel (2013, p. 45) nos recorda que “[...] deveríamos abraçar o novo cenário hiperconectado e reconhecê-lo como fomentador do aprendizado e da criatividade por meio da coletividade”. Assim, aproveitaríamos o que de melhor pode se extrair da *Sociedade em Rede* para fins educacionais.

Siemens (2004, s.p.) apresenta os oito princípios do *Conectivismo*, a saber:

- 1) A aprendizagem e o conhecimento residem na diversidade de opiniões;
- 2) A aprendizagem é um processo de conectar nós especializados ou fontes de informação;
- 3) A aprendizagem pode residir em dispositivos não-humanos;
- 4) A capacidade de saber mais é mais crítica do que é atualmente conhecido;
- 5) Cultivar e manter conexões torna-se necessário para facilitar a aprendizagem contínua;
- 6) A capacidade de enxergar conexões entre áreas, ideias e conceitos é uma habilidade fundamental,

7) A atualização (conhecimento preciso e atual) é a intenção de todas as atividades de aprendizagem *conectivista*;

8) A tomada de decisão é em si um processo de aprendizagem. Escolher o que aprender e o significado das informações que chegam são vistas através da lente de uma realidade em mudança. Embora haja uma resposta certa agora, esta pode ser errada amanhã devido às alterações nas condições que cercam a informação e que afetam a decisão.

Todos os princípios mencionados pelo autor legitimam a necessidade de que a *Sociedade em Rede* urge por conexões que apóiam as necessidades de seus indivíduos, bem como enfatiza a importância de existirem educadores capazes de guiar os aprendizes nesta rede formada por nós interconectados.

Ainda sobre o cenário da pesquisa, é importante também conhecer o local no qual a pesquisa foi realizada. Assim, apresentamos em linhas gerais a escola de idiomas *Yázigi* em São Luís.

A escola foi fundada em São Luís em 1969, tendo passado por diversas instalações físicas, indo do centro da cidade até chegar a uma das áreas mais nobres da capital maranhense, o bairro do Calhau, onde possui sua atual instalação física. São mais de 40 anos comprometidos com o ensino de línguas estrangeiras através de um cuidadoso processo educacional.

O *Yázigi* São Luís acumula muitos títulos de sucesso: primeira escola *Yázigi* do Brasil a ter um prédio próprio, primeira escola *Yázigi* a dispor de uma antena parabólica para o ensino de Inglês e a escola eleita como representante do *Yázigi Internexus* em Nova Iorque (ABREU, 2010). À frente de seu tempo, sempre ofertou ferramentas e treinamentos frequentes ao seu corpo docente, sobretudo para que a tecnologia fosse presente na escola como um meio para ensinar melhor. Assim, foi a primeira escola de idiomas em São Luís a ter as suas aulas integradas à Internet de forma planejada através do portal² *House of English*, o qual foi lançado na cidade em 2003.

² www.houseofenglish.com.br

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

A escola possui aproximadamente mil alunos e um corpo docente formado por 22 professores³, os quais são avaliados através de um minucioso processo de seleção, incluindo testes de proficiência em Inglês, bem como exposição de aula usando a metodologia *Yázigi*. Em termos de tecnologias, o *Yázigi* São Luís conta com material didático próprio (livro texto, livro de exercícios e CDs de áudio e CD-Rom), quadro interativo (*E-board*) conectado à Internet, livros digitais, laboratório multimídia, *site* oficial, *fan page* no *Facebook*, etc.. Além de a instituição valorizar o uso de tecnologias diversas desde a sua fundação.

Adiante, conheceremos os personagens desta pesquisa: docentes e discentes do *Yázigi* São Luís, suas características e suas formas de interação com as ferramentas da *web 2.0*.

OS PERSONAGENS DA PESQUISA

As primeiras perguntas dos questionários aplicados aos discentes visavam à obtenção de informações sobre a caracterização pessoal dos respondentes. Observamos que a maioria dos respondentes possui menos de 15 anos (44% dos respondentes). No entanto, observamos também um bom número de alunos entre 15 e 25 anos (37%). Tais dados apontam que a maioria dos alunos respondentes pertence a gerações digitais, as quais usam a Internet e todas as suas facilidades, tendo já internalizado o uso das ferramentas ofertadas pela *web* como parte integrante de seu dia a dia.

No que tange à idade dos docentes pesquisados, percebemos que a maior parte dos professores (60% dos respondentes) pertence, também, a uma geração que cresceu em um mundo digital, possuindo entre 25 e 35 anos de idade, apresentando habilidade em usar a Internet e as suas ferramentas, sendo capaz de realizar multitarefas de forma assíncrona. Tais características se mostram muito favoráveis para um bom trabalho com as ferramentas da *web 2.0* na Educação, por exemplo.

³ Dados do segundo semestre de 2014.

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

Para uma melhor compreensão das análises apresentadas a partir dos dados gerados, serão inicialmente expostas as análises dos respondentes discentes e, em seguida, as análises dos respondentes docentes.

Frisamos que, aqui, serão apresentados apenas alguns dos dados gerados e suas respectivas análises, os quais fazem parte do corpo da pesquisa de dissertação de mestrado da autora deste artigo.

Os discentes e a sua relação com a Internet e as ferramentas da web 2.0

As perguntas seguintes do questionário aplicado aos discentes verificaram o uso cotidiano da Internet. Dos 116 respondentes, 94% deles afirmam usar a Internet diariamente, o que corrobora a quantidade de discentes pertencentes à geração digital, os quais veem a Internet como parte do seu dia a dia. Não houve qualquer respondente que marcasse a opção “nunca uso a Internet”.

Quando perguntados sobre o que mais fazem ao usarem a Internet, os respondentes, em sua maioria, afirmam acessar as redes sociais e as ferramentas de busca. Entretanto, um fato intrigante é termos apenas 30% dos respondentes mencionando estudar Inglês na Internet, o que não retrata, por exemplo, o interesse do uso da Internet para o estudo de Inglês, mesmo considerando que haja um bom número de respondentes pertencentes à geração digital.

Uma das questões apresentava algumas ferramentas da *web 2.0* (blogues, redes sociais, jogos virtuais *online*, ferramentas de comunicação instantânea e fóruns) e questionava se a Língua Inglesa era utilizada de alguma forma. Inferiu-se que a Língua Inglesa, de alguma forma, é usada como **meio** para atingir objetivos (entender um texto em um blogue, seguir comandos de um jogo, dar opiniões sobre algo em um fórum, enviar uma mensagem, etc.), permitindo que o estudante da língua, ao usar a Internet, usufrua de maiores benefícios em relação àquele que não conhece a língua em questão (considerando-se que a maior parte das informações disponíveis na rede é em Inglês). Entretanto, não houve menção ao uso das ferramentas suportadas pela *web 2.0* para o estudo intencional da língua-alvo.

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

Quando questionados sobre quais *sites* ou aplicativos para aprendizagem de Língua Inglesa eram mais utilizados em seus equipamentos (*gadgets*), observamos que a grande maioria afirmou acessar o portal do próprio *Yázigi, House of English*. A proposta deste portal, de acordo com as informações expostas nele mesmo, é oferecer programas para todos os níveis, do iniciante ao avançado. A cada nível, o aluno pode expandir e consolidar seus conhecimentos em atividades relacionadas a situações do dia a dia, além de oferecer *chats* temáticos, fóruns, apoio de professores em tempo real e outros recursos que proporcionam interação de maneira inteligente e divertida. Um ponto interessante deste portal é a possibilidade de interação com um grande número de pessoas usando a Língua Inglesa, seja em cursos 100% virtuais ou nos cursos *plus*, em que, além de aprenderem com os recursos do portal, os alunos também têm aulas presenciais nas escolas *Yázigi*.

No caso de nossos respondentes, eles têm acesso aos cursos *plus* (exceto os alunos dos cursos Avançado e Pós-Avançado), o que confirma o fato da grande maioria ter alegado acessar o portal de seus equipamentos eletrônicos, sendo o *notebook* o mais usado (51%).

Perguntou-se, também, se os alunos tinham conhecimento do conceito de *web 2.0* (o termo não havia sido conceituado para eles anteriormente). De fato, a grande maioria (74%) afirmou não saber do que se tratava. Tal resultado já era esperado, uma vez que os usuários da *web 2.0* utilizam suas ferramentas sem nunca ter estudado sobre elas. Ademais, o conhecimento do termo *web 2.0* não impossibilita o seu uso.

Uma das questões identificou quais as ferramentas da *web 2.0* que os discentes mais utilizavam. Para ilustrar melhor tais ferramentas (considerando que muitos poderiam não saber do que se tratava a *web 2.0*), foram dados exemplos no próprio questionário aplicado.

Inferiu-se dos dados gerados, que a maioria das ferramentas da *web 2.0* é utilizada pelos discentes para **uso próprio**, em especial as ferramentas de comunicação instantânea e as redes sociais. Estas ferramentas, características do mundo contemporâneo e a quantidade de tempo que os jovens passam conectados

são uma das práticas comuns que retratam uma geração digital, por exemplo. Sendo uma geração que não imagina o mundo sem a Internet e estar conectada aos seus pares, via ferramentas de comunicação instantânea e redes sociais, é algo natural, como foi para as gerações anteriores ligarem para alguém no telefone fixo. Ademais, o fato dos respondentes terem afirmado conhecer as ferramentas da *web 2.0* e utilizá-las para uso próprio, demonstra a autonomia deles em ler, criar e compartilhar conteúdo, a facilidade de interação com as ferramentas e com os demais usuários da rede. Essa é a prova de que o uso das tecnologias digitais faz parte do seu cotidiano.

No entanto, alguns dos dados gerados apresentam fatos interessantes, como o desconhecimento de muitos respondentes da existência de ferramentas de criação de apresentações (44%) e de ambientes de realidade virtual (41%). Em se tratando das ferramentas de criação de apresentações, percebe-se que muitos usuários de *desktops* e *notebooks* ainda criam suas apresentações através do *Power Point* (ferramenta do pacote *Office* da *Microsoft*), enquanto os usuários de *tablets* dão preferência aos aplicativos disponíveis para este fim, como o *KeyNote* para *iOS*, por exemplo. No caso dos ambientes de realidade virtual, também há um bom número de respondentes que os conhece, mas nunca os utilizou (39%). Cremos que tal fato se deve muito à questão geográfica e cultural, uma vez que na cidade de São Luís não é comum o uso de ambientes de realidade virtual em escolas e em ambientes domésticos.

Das ferramentas da *web 2.0* que os respondentes mencionaram já ter utilizado em aula do *Yázigi*, comentaremos alguns números importantes:

a) Ferramentas de publicação de vídeos *online* (32%): mesmo a maioria tendo afirmado conhecer as ferramentas e utilizá-las para uso próprio (47%), consideramos o dado gerado importante, uma vez que os alunos fazem seus vídeos em sala de aula e podem postá-los na rede (houve projetos em que os professores do *Yázigi* mantinham canais fechados no *YouTube*, nos quais eram postadas atividades realizadas com seus alunos em sala de aula);

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

b) Ferramentas de busca (30%): da mesma forma que as ferramentas anteriores, a maioria dos respondentes (59%) conhece tais ferramentas e as utiliza para uso próprio, o que é muito comum em se tratando de ferramentas de busca. No entanto, tais ferramentas são utilizadas de forma natural (quase imperceptível) quando se está em sala de aula, uma vez que informações, imagens, vídeos, curiosidades, etc. são pesquisados através destas ferramentas, tanto por alunos como por professores.

Importante frisar que o estímulo à utilização destas ferramentas em sala de aula parte muito do professor, o qual apresenta as ferramentas e deixa o aluno livre para escolher qual (quais) usar.

Para descrever como os discentes percebem o uso das ferramentas da *web* 2.0 no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, perguntou-se como era o interesse deles quando tais ferramentas eram usadas. A maioria dos respondentes (77%) disse que seu interesse nas aulas de Inglês **umenta** quando as ferramentas da *web* 2.0 são utilizadas. Para entender o porquê, a última pergunta do questionário foi deixada em aberto para que os respondentes expressassem a razão da marcação da questão anterior.

Algumas das respostas livres dadas pelos respondentes foram categorizadas a seguir:

QUADRO 1 - Porque o uso de ferramentas da *web* 2.0 em sala de aula aumenta o interesse pelo estudo do idioma

As ferramentas já fazem parte do cotidiano do discente	As aulas ficam mais dinâmicas e prazerosas	As ferramentas usadas na sala mostram as possibilidades de uso da língua
"Porque utiliza a tecnologia, que hoje está presente na vida de todos os jovens e isso faz diferença e aumenta nosso interesse." (sic)	"Pois o uso da tecnologia dinamiza a aprendizagem."	"Pois procuramos entender o que se passa. Em um vídeo em Inglês, por exemplo, queremos entender o que estão falando."
"Porque é uma maneira diferente de aprender a nova língua e se aproxima do nosso cotidiano."	"Porque a aula fica mais dinâmica e interessante."	"Porque me é mostrado que podemos utilizar várias coisas para o estudo da Língua."

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

“São ferramentas já integradas ao meu cotidiano e das quais já estou acostumado.” (sic)	“Porque a aula fica mais interativa.”	“Porque eu fico mais curiosa para saber mais palavras que pode me ajudar em viagens internacionais.” (sic)
“Já conheço e utilizo normalmente fora do <i>Yázi</i> .”	“A Internet eh uma fonte de conhecimento instantânea, dinâmica e contínua.” (sic)	“Porque mostra que existe muitas coisas no dia a dia que necessita da dominação de uma língua estrangeira, no caso o Inglês.” (sic)
“A aula ganha mais interesse dos alunos, que na maioria dos casos têm um grande conhecimento nessas ferramentas.” (sic)	“Eles acabam prendendo mais a atenção do aluno.” (sic)	“Aumenta, pois posso ter como exemplo alguém ou algo e tenho mais interesse.”
“Pois como a Internet já chama a minha atenção, é uma ótima forma de chamar a minha atenção para o aprendizado.”	“É mais divertido aprender com essas ferramentas, a aula é mais prazerosa.”	
“Porque faz a atividade parecer mais prazerosa, pois como na maioria das vezes usamos essas ferramentas no dia a dia para relaxar e usar essas ferramentas para aprender algo me faz ter mais interesse.” (sic)	“Acaba sendo uma aula diferente, saímos um pouco da rotina de sala de aula.”	

Fonte: Autora da pesquisa

Ao examinarmos os comentários acima, verificamos que os respondentes, de forma geral, mencionam **três** aspectos em comum que os fazem aumentar o interesse em estudar a Língua Inglesa, quando as ferramentas da *web 2.0* são utilizadas: (1) As ferramentas da *web 2.0* os deixam mais confortáveis e mais interessados na sala de aula, pois já são utilizadas por eles no dia a dia e o fato de serem íntimos delas torna tudo mais fácil; (2) A utilização das ferramentas da *web 2.0* faz as aulas serem mais dinâmicas, interativas e prazerosas ao tirarem os alunos do formato de aula tradicional; e (3) As ferramentas da *web 2.0* permitem aos alunos vivenciarem situações reais em que a língua é falada, tornando seu estudo vivenciado.

Os comentários anteriores ainda realçam muito do que foi demonstrado ao longo da pesquisa realizada, sobretudo no que se refere ao fato de se ofertar aos aprendizes algo que faça parte de sua vida diária, tornando o estudo da língua algo

natural e, ao mesmo tempo, factível dentro do contexto do mundo globalizado que compartilha da *inteligência coletiva*.

Do grupo focal realizado, pontuaremos alguns momentos em que as narrativas apresentadas corroboram o que foi gerado nos questionários.

Quando questionados durante o grupo focal sobre a importância do portal *House of English* para estudar Inglês, percebeu-se que os alunos reconhecem o portal como sendo uma ferramenta importante no estudo de Inglês, mas, no entanto, não acessam o portal com frequência, nem de forma espontânea. O acesso acontece quando há a necessidade de se responder a exercícios propostos pelos professores. De forma geral, ao serem questionados sobre o uso das demais funcionalidades do portal (além de exercícios *online*), tais como fóruns, *chats*, *online teacher*, etc., os alunos comentaram que apenas fazem os exercícios disponíveis. Alguns levantaram a questão de terem receio de escrever errado “na frente” de outros alunos que não conhecem ou que são de níveis acima dos seus. Inferimos, então, que o portal, apesar da riqueza de ferramentas ofertadas, **não** é aproveitado em sua totalidade.

Algo importante aludido na fala de um dos participantes do grupo focal foi o fato de o participante frisar, livremente, que o portal não substitui o professor. Aqui mencionamos algo que surgiu durante o grupo focal, que foi a referência ao uso do aplicativo *WhatsApp*, apesar deste não fazer parte da pesquisa realizada. No entanto, por ser um momento em que quase todos os alunos usavam tal aplicativo e o professor da turma em questão ter criado um grupo de Inglês no aplicativo, comentou-se sobre a utilização deste aplicativo.

Uma pergunta que não fazia parte do roteiro do grupo focal e que foi feita pela pesquisadora correspondia exatamente ao uso de *WhatsApp*, uma vez que os alunos têm no portal *House of English* o professor *online* disponível em boa parte do dia.

Quando questionados sobre o professor *online*, um dos participantes foi enfático ao afirmar que “tudo bem” haver o professor *online*, mas que também havia o professor da turma deles no aplicativo. Assim, para saber melhor até que ponto os

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

alunos preferiam o uso do aplicativo ao uso do portal, no momento de entrar em contato com o professor, ficou muito claro quando todos, em uníssono, responderam que preferem o professor da turma no *WhatsApp*.

Rodrigues e Lima (2014, p. 66) já mencionavam o *WhatsApp* em seu artigo, questionando se o século XXI havia chegado à sala de aula de Língua Inglesa:

Seria tão importante um trabalho de leitura/escrita que envolvesse *e-mails* reais dos alunos; a leitura de notícias autênticas em sites, como BBC e *New York Times*; a leitura de vídeos compartilhados pelo *WhatsApp*. De fato, **acreditamos que o contexto de aprendizagem deve espelhar a vida do aluno.** (grifo nosso)

Logo, percebemos que o uso de um aplicativo como o *WhatsApp*, por exemplo, por espelhar a vida do aluno contemporâneo, sobrepõe o uso de uma ferramenta da *web 2.0*, em virtude de sua facilidade de acesso em dispositivos móveis, bem como por apresentar uma *interface* extremamente fácil para uso.

Os docentes e a sua relação com a Internet e as ferramentas da web 2.0

Como mencionado anteriormente, a maioria dos respondentes docentes pertencem à geração digital. Ademais, dos 16 professores participantes da pesquisa, 100% afirmaram usar a Internet diariamente, o que reflete a integração destes docentes com a Internet em seu dia a dia.

Ao serem questionados sobre o que mais faziam na rede, obtivemos que a maioria dos docentes, assim como os discentes, acessa as ferramentas de busca e as redes sociais. Entretanto, a porcentagem de docentes (82%) que acessa o *e-mail* pessoal e/ou do trabalho é bem maior do que a dos discentes (38%). Se considerarmos que o acesso ao *e-mail* está sendo substituído pela leitura de mensagens instantâneas via aplicativos, como o *WhatsApp* e o *Facebook Chat Instant Messenger*, por exemplo, vislumbramos que os docentes acessam seus *e-mails* com mais frequência em virtude de assuntos laborais, provavelmente. Outra

opção bastante marcada foi a de “pesquisa por assuntos educacionais”, o que reflete a natureza do trabalho dos respondentes.

Outro dado interessante é ter 41% dos docentes a estudarem Inglês na rede, o que aponta para a necessidade de educação contínua, como menciona Siemens (2014, s.p.) em um dos princípios do *Conectivismo*.

Ao serem questionados a respeito do conceito de *web 2.0*, 75% dos respondentes afirmaram ter conhecimento de tal conceito, diferentemente do valor apresentado pelos discentes, os quais, em sua maioria (74%), afirmaram não saber do que se tratava *web 2.0*. Aqui, infere-se que o fato de grande parte dos docentes terem sua formação acadêmica em áreas de Educação, o conhecimento de ferramentas digitais educacionais é mais presente em seu cotidiano acadêmico e laboral, não sendo, portanto, desconhecido o conceito de *web 2.0*.

Sobre os *sites* ou aplicativos para o ensino de Língua Inglesa que os docentes mais usam em cada um de seus equipamentos, obtivemos que a grande maioria acessa o portal *House of English*, assim como afirmado pelos discentes, sendo o *notebook* o mais usado para tal acesso (71%), seguido do *smartphone* (65%). O acesso ao portal faz parte das atividades diárias do professor *Yázigi*, o qual pode monitorar o acesso de seus alunos e as atividades por estes desenvolvidas.

Outros *sites* acessados pelos docentes e bastante mencionados em questão livre foram: dicionários monolíngues *online*, *sites* que ofertam material autêntico na língua-alvo (jornais, portais e palestras, tais como: *BBC*, *CNN*, *TED talks*, etc.), *sites* de compartilhamento de matérias didáticos diversos para professores de Inglês e *sites* de compartilhamento de vídeos (o mais mencionado foi o *YouTube*). Percebe-se, assim, que os professores buscam materiais autênticos e sabem onde consegui-los, fazendo uso do que há de melhor na *web 2.0*.

De maneira geral, percebe-se que os docentes estão atentos às ferramentas ofertadas pela *web 2.0*, além de aliarem estas ferramentas às possibilidades de uso conforme a habilidade trabalhada em aula segundo o seu planejamento.

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

Outras tecnologias usadas e mencionadas em questão livre foram: CDs de áudio do próprio material didático da escola e *Skype*. Quanto à ferramenta *Skype*, há professores que possuem alunos (aulas individuais) usando esta ferramenta, uma vez que são alunos executivos e que não possuem tempo e possibilidade de locomoção para aulas presenciais na escola. Estes alunos contam com toda a oferta de material e interatividade do portal *House of English* e o acompanhamento dos professores via aplicativo *WhatsApp*, por exemplo. Outra tecnologia bastante mencionada foi o aplicativo *WhatsApp*, mesmo não fazendo parte desta pesquisa. Sobre isso, os docentes mencionaram manter grupos de bate-papo com suas turmas utilizando esta ferramenta, por exemplo.

Outras ferramentas bastante mencionadas pelos docentes foram aquelas relacionadas à publicação de vídeo *online* e de busca. Ambas são extremamente ricas em oferta de material autêntico na língua-alvo, auxiliando o docente na procura e seleção de materiais que servirão para ilustrar as suas aulas, motivando os alunos ao trazer para a sala a língua usada em situações diversas e reais: seja em vídeo, em áudio, ou mesmo em formato de portais de notícias. Em suas observações não-participantes, a pesquisadora presenciou muitas vezes o uso destas ferramentas pelos docentes.

De forma geral, as ferramentas escolhidas pelos docentes como as mais utilizadas têm, em sua essência, a possibilidade de dar apoio material, imagético e oral ao plano de aula a ser desenvolvido. O que percebemos é que os docentes têm desenvolvido o seu papel de interface, auxiliando seus alunos no acesso às informações precisas e relevantes, assim como os ajudando a criar significados (GABRIEL, 2013).

Conforme acontece com os discentes, os docentes também utilizam as ferramentas da *web 2.0* de forma natural: uma busca por um *site* para ilustrar algo explanado em aula, um vídeo que um aluno comentou que tem relação com o tópico do dia, uma postagem em redes sociais que está gerando assunto na semana, etc. Kumaravadivelu (2006) nos exorta a não termos a concepção de que o ensino de línguas deva acontecer em um mundo abstrato e teórico. Por isso, as ferramentas

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

da *web 2.0* auxiliam os professores a construir esse ensino levando em consideração as particularidades políticas, culturais, sociais e linguísticas dos aprendizes.

Quando perguntado aos docentes qual o valor dado por eles quanto ao uso das ferramentas da *web 2.0*, percebe-se que a maioria crê ser muito importante/extremamente importante tal uso, porque isso reflete o dia a dia de seus alunos e traz esta realidade para a sala de aula, aproximando-os de seu cotidiano e tornando a aula mais significativa.

Na última parte do questionário aplicado aos docentes, pedia-se que o docente deixasse um comentário sobre o potencial educacional das ferramentas/serviços da *web 2.0*. Os comentários foram transformados em uma nuvem de palavras para melhor visualização e entendimento do leitor.

FIGURA 1 – Nuvem de palavras referente aos comentários de docentes quanto às potencialidades do uso de ferramentas da *web 2.0*



Fonte: autora da pesquisa

Percebemos que a referência ao engajamento é bastante enfatizada e este comentário deixado na questão aberta explica o porquê: “É surpreendente o quanto se consegue de engajamento nas atividades virtuais.”. “Eficaz”, “interessante” e

“potencial” também foram palavras continuamente mencionadas nos comentários, demonstrando o posicionamento que estas ferramentas ocupam na mente dos docentes.

Do grupo focal realizado com docentes, serão pontuados alguns momentos relacionados ao uso do portal *House of English*, assim como, relacionado ao uso do aplicativo *WhatsApp*.

Quando se comentou a respeito da razão de muitos alunos não usarem o portal *House of English* na sua totalidade (*chats*, fóruns, *online teacher*, etc.), um dos docentes participantes levantou a hipótese de este ser algo “obrigatório” e não uma livre escolha. Outro docente também acenou que surge o embaraço de que os outros participantes (de um *chat*, por exemplo) lessem o que foi postado e assim por diante. Tal alusão confirma o mencionado pelos discentes quando afirmaram preferir usar o grupo com o professor da turma no *WhatsApp* a usar o professor *online*, ou a participar de alguma outra atividade aberta do portal por medo de exposição.

Quando questionados sobre quem possuía grupos com alunos no *Facebook*, surgiu a menção ao aplicativo *WhatsApp*, assim como havia surgido durante o grupo focal com os alunos. Um dos docentes participantes justificou o porquê da preferência por este meio em virtude da sua instantaneidade. A pesquisadora não tem o número exato de grupos formados por professores do *Yázigi* São Luís e suas turmas no aplicativo *WhatsApp*, já que ele não fazia parte da proposta inicial desta pesquisa. No entanto, é possível levantar como hipótese que a maior parte dos professores em estudo possui mais de um grupo, no qual mantém *chats* e fóruns no decorrer da semana, tendo grande adesão dos seus alunos. De acordo com Oliveira et al (2014, p. 3483) “atualmente existe uma grande flexibilidade e facilidade para uso de tecnologias móveis, aumentando assim o uso do *M-Learning*⁴ como ferramenta de ensino.”. Assim, vemos que alguns pontos apresentados pelos discentes possuem uma relação próxima com o mencionado pelos docentes, tanto no que tange ao uso do portal, quanto ao uso do aplicativo *WhatsApp*, como forma

⁴ *Mobile Learning*: estudo através de dispositivos móveis, tais como *tablets* e *smartphones*.

de substituir a comunicação que era feita via *e-mail* ou via *Facebook* (as quais já haviam substituído as ligações telefônicas e assim por diante).

Considerações Finais

Nesse tempo dedicado à pesquisa não só tivemos a oportunidade de adentrar mais no campo das TIC, como também de ter a certeza que o seu estudo integra Sociedade, Cultura, Economia, Educação e Trabalho. É um campo de pesquisa extenso, multidisciplinar e extremamente rico em possibilidades de pesquisa e efetiva implementação de projetos que gerem bons resultados.

Quando iniciamos a investigação do uso das TIC no processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, tínhamos em mente verificar como ocorria a sua utilização e averiguar se as ferramentas da *web 2.0* eram as mais utilizadas para tal processo. Estávamos em meados do primeiro semestre de 2013 e os dispositivos móveis ainda não eram tão ubíquos como em 2015. Assim, mantivemos o foco nas ferramentas apoiadas pela *web 2.0*.

O que aprendemos é que o uso das TIC facilita e enriquece muito o processo ensino-aprendizagem da Língua Inglesa já que a oferta de materiais autênticos oferece a professores e alunos uma gama variada de áudios, vídeos, textos, animações, etc., os quais tornam as aulas, e o estudo da língua-alvo em si, muito mais acessível, atraente, lúdico e prazeroso.

No que tange à utilização das TIC em aulas de Inglês no *Yázigi* São Luís, observamos que por se tratar de uma escola na qual a tecnologia sempre se fez presente, o uso de TIC é parte do planejamento de seus professores e do estudo de seus alunos. Usam-se livros, CDs de áudio, quadro interativo, Internet, livros digitais, *tablets*, *smartphones*, aplicativos, etc., de forma a integrar as habilidades linguísticas e a favorecer o processo educacional. Além disso, as ferramentas da *web 2.0* são as mais usadas no processo ensino-aprendizagem de Inglês na escola estudada.

A partir dos dados gerados pelos questionários aplicados a discentes e docentes da referida escola, percebemos que a ferramenta educacional mais utilizada é o quadro interativo conectado à Internet, tanto por alunos, quanto por professores. Contudo, outras ferramentas da *web 2.0* são muito utilizadas por ambos os participantes desta pesquisa, como as ferramentas de busca e as redes sociais, por exemplo. Essas ferramentas são usadas de forma sutil, pois a consulta a elas acontece quando surge a necessidade de buscar uma resposta a uma dúvida, ou buscar imagens que representem algo para ser ilustrado durante a aula.

Interessante também observar que um bom número de docentes afirmou usar a Internet para estudar Inglês e pesquisar assuntos educacionais. Mas, aprendemos que a maioria dos discentes usa a língua-alvo como meio para atingir seus objetivos enquanto navega na rede, como ler um texto, seguir instruções de um manual, aprender como se faz certa atividade, etc. Apenas 30% dos aprendizes disseram usar a rede para estudar a língua em questão. A partir desses dados, entendemos que o uso da rede de forma intencional para se estudar Inglês não é realizado pelos discentes, apesar destes usarem o portal do *Yázigí, House of English*. Entretanto, percebemos ainda que o acesso ao portal se dá de maneira esporádica e não-natural, além do que, a maior parte dos alunos não utiliza todas as suas funcionalidades disponíveis (como *chats, online teacher, fóruns, etc.*), acessando-o apenas para responder às atividades requisitadas. Cabe uma sugestão à escola que seria ofertar o portal em formato de aplicativo também, já que seus alunos possuem e usam corriqueiramente o *smartphone*. Isso facilitaria o acesso do aluno e o motivaria a usar as funcionalidades do portal, já ele teria tudo em suas mãos.

Algo muito marcante no decorrer desta pesquisa foi vivenciarmos as mudanças no cenário das telecomunicações no país e na cidade de São Luís e todos os impactos que isto traz à Educação como um todo. Um enorme número de respondentes de ambos os questionários possuem *smartphones*, e um número ínfimo deles ainda tem computadores de mesa. As atividades que antes eram realizadas em casa ou em uma *Lan House* por meio de computadores conectados à

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

Internet passam a ser realizadas em qualquer lugar e a qualquer hora via dispositivos móveis conectados à rede via 3G (ou 4G). As aulas pela *web* são assistidas em uma tela pequena, mas extremamente capaz de conectar este aprendiz às mais famosas e disputadas universidades do mundo através de *Massive Open Online Courses*⁵ (MOOCs). Assistimos à substituição do envio de mensagens de texto (SMS) pelo telefone celular por mensagens enviadas pelo aplicativo *WhatsApp*. E não pára por aí. No tempo de realização de uma pesquisa de mestrado, muitas tecnologias caem em desuso, novas surgem, algumas mudam; e a Educação aproveita o melhor ofertado por cada uma delas.

São novos cenários e novos equipamentos, dispositivos e tecnologias. Dentre as mudanças dos modelos educacionais tradicionais em virtude do uso das TIC em Educação, anteriormente citados por Gabriel (2013), constatamos *in loco* algumas mudanças que já são realidade: os alunos continuarão a aprender fora da sala de aula, da forma que acharem mais conveniente e interessante, e quando quiserem; e o professor passa a ter o seu valor como interface, ao guiar os seus alunos até a construção de significados, incluindo-se aqui a sua doação ao ser um *online teacher*, acessado no *WhatsApp* a qualquer momento. O mais importante disso tudo: o professor sempre está disposto a ajudar o seu aprendiz nesse mar de informações.

Em relação aos oito princípios do *Conectivismo* apresentados por Siemens (2014, s.p.), foi possível vivenciar cada um deles nos grupos focais, nas observações não-participantes e na análise dos dados gerados. Aqui, apresentamos alguns deles:

1) “A aprendizagem e o conhecimento residem na diversidade de opiniões” - Ao usar as ferramentas da *web* 2.0, os alunos têm acesso a uma diversidade de opiniões, não só no que tange à forma de se estudar a língua em si, mas também na forma da obtenção de informações sobre assuntos variados tratados em sala e que podem ser aprofundados através de ferramentas de busca, por exemplo. O próprio portal

⁵ MOOCs são plataformas *online* que distribuem cursos de universidades tradicionais de forma aberta a qualquer pessoa conectada à Internet. Fonte: <http://www.designinstrucional.com.br/o-que-sao-moocs/> Acesso em 03.Out.2015

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

House of English oferece a possibilidade de fóruns temáticos, com alunos de diferentes escolas *Yázigi* espalhadas pelo país, fomentando, assim, a aprendizagem e o conhecimento pautado na diversidade de opiniões;

2) “A aprendizagem é um processo de conectar nós especializados ou fontes de informação” - A *inteligência coletiva* é acessada sempre que necessária. O uso de ferramentas da *web 2.0* torna, então, esse acesso mais simples e fácil. O aluno do *Yázigi* São Luís pode acessar informações de qualquer lugar do mundo sobre assuntos variados e que estão disponíveis na rede, além de poder contar com o professor *online* disponível no portal *House of English*. Assim, a aprendizagem é esse processo de saber como conectar nós especializados ou fontes de informação. Aqui, o docente tem, também, o papel fundamental de guiar os aprendizes nessa busca;

3)“A aprendizagem pode residir em dispositivos não-humanos” - Quando Siemens (2004, s.p.) menciona que a aprendizagem pode residir em dispositivos não-humanos, notamos a facilidade com que os aprendizes interagem com seus *gadgets*, sem ao menos ler um manual. O ponto é que não se faz necessário ler manual quando se aprende a usar o dispositivo usando-o. Assim acontece com diversas ferramentas da *web 2.0*, as quais possuem uma interface bastante amigável, permitindo que o usuário aprenda a usá-la ao passo que a utiliza. Além disso, Siemens (2004, s.p.) assume que a aprendizagem não acontece inteiramente sob o nosso controle, podendo residir fora de nós mesmos (como dentro de uma base de dados, por exemplo);

4)“A capacidade de saber mais é mais crítica do que é atualmente conhecido” – Inegavelmente, quanto mais sabemos, mais nos tornamos críticos. Isso é perceptível quando os alunos têm acesso à rede e podem pesquisar sobre temas diversos, aguçando, assim, a busca dos aprendizes por conhecimento, fazendo-os expor suas opiniões, questionar pontos de vista e compartilhar ideias em sala de aula ou via ferramentas de comunicação instantânea;

5) “Cultivar e manter conexões torna-se necessário para facilitar a aprendizagem contínua” - A aprendizagem contínua torna-se viável através de diversas

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

ferramentas da *web 2.0*, que possibilitam o compartilhamento de informações, cultivando e mantendo conexões antes nunca imaginadas. Quando uma turma mantém um grupo de alunos e professor (professores) no *Facebook*, por exemplo, é possível tornar tais conexões síncronas e assíncronas.

Por fim, a partir dos dados gerados, percebemos novas possibilidades de investigações futuras: (1) o estudo sobre o impacto das tecnologias móveis no ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, e (2) uma análise acerca da *gamificação* como estratégia de ensino-aprendizagem. No entanto, o maior aprendizado ao final desta pesquisa é saber que sempre há novos caminhos a serem percorridos, e a pesquisa em si já nos apresentou qual. Está na palma da nossa mão: o *Mobile Learning*.

Agradecimentos

Bolsa de Produtividade em Pesquisa BEPP-00013/16 – Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão – FAPEMA

Referências

ABREU, Fernando (Org.). **Aonde você for: 40 anos do Yázigi São Luís**. São Luís: Clara, 2010.

BEMBEM, Angela H. C., SANTOS, Plácida L. V. A. da C. Inteligência coletiva: um olhar sobre a produção de Pierre Lévy. In: **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.4, p.139-151, out./dez. 2013.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. **Concepção, Avaliação e Dinamização de um Portal Educacional de WebQuests em Língua Portuguesa**. Tese de Doutorado. Minho: Universidade do Minho, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DOWNES, Stephen. **Elearnspace interview**. Elearnspace. 15 Ago. 2002. Disponível em: < <http://www.elearnpace.org/Articles/stephendownes.htm> > Acesso em 20.Ago.2014

DOWNES, Sthepen, Connectivism and connective knowledge. **The Huffington Post**, 5 jan. 2011.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**: aplicando o PDCA nas instituições de ensino. São Paulo: Saraiva, 2014.

FIGUEIREDO, A. M. de; SOUZA, S. R. G. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**: da redação científica à apresentação do texto final. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

GABRIEL, Martha. **Educ@r**: a (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 3ª. ed. Campinas: Papirus, 2003.

KURAMAVADIVELU, B. **Understanding Language Teaching**: from Method to Postmethod. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LISBÔA, E. S.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; COUTINHO, C. P. Análise das comunidades “Web 2.0” na rede social Orkut. **Revista Paidéi@**, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 2, dez. 2009. Disponível em <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em 06.Abr.2013.

NEVES, Ricardo. **O novo mundo digital**: você já está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

OLIVEIRA, A. S.; CARDOSO, E. L. (2009). Novas Perspectivas no Ensino da Língua Inglesa: Blogues e Podcasts. In: **Educação, Formação & Tecnologias**; vol.2 (1); pp. 87-101, Maio de 2009. Disponível em: < <http://eft.educom.pt>> Acesso em: 05.Abr.2013.

OLIVEIRA, D. S. de. et al. Proposta de um modelo de curso baseado em *mobile learning*: um experimento com professores e tutores no *WhatsApp*. In: XI Congresso

Volume 10 - Nº 3 - Setembro/Dezembro de 2016

Brasileiro de Ensino Superior a Distância. 2014. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, Ago 2014. pp. 3482-3496.

RODRIGUES, Beatriz G., LIMA, Sílvia M. M.. O Século XXI já chegou às Salas de Aula de Língua Inglesa? Reflexões sobre tecnologias, gêneros multimodais e estilos de aprendizagem no ensino de leitura em Língua Inglesa. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 3, n. 5, jul./dez. 2014. pp. 62-75

SIEMENS, George. **Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age**. 2004. Disponível em: <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em: 01.Set.2014

Sobre os Autores



João Batista Bottentuit Junior - Doutor em Ciências da Educação com área de especialização em Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho (2011). É professor Adjunto III da Universidade Federal do Maranhão, atuando no Departamento de Educação II, é também Professor Permanente dos Programas de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Acadêmico) e Gestão de Ensino da Educação Básica (Mestrado Profissional), atua na linha de Cultura, Educação e Tecnologia (Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação). É líder do grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias Digitais na Educação (GEP-TDE). É membro do comitê científico da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) desde 2012. É consultor ad hoc e Bolsista de Produtividade em Pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA). É avaliador de cursos de graduação presenciais e a distância do MEC/INEP. E-mail: jbbj@terra.com.br



Odlá Cristianne Patriota Albuquerque -
Mestra em Cultura e Sociedade pela
Universidade Federal do Maranhão,
concentrado suas pesquisas em Educação e
Tecnologia. Possui graduação em
Administração de Empresas pela Universidade
Estadual do Maranhão (1999) e graduação em
Letras - Habilitação Inglês - pela Universidade
Federal do Maranhão (2006). Atualmente é
professora da Unidade de Ensino Superior
Dom Bosco (UNDB). E-mail:
odlachris@gmail.com

Revista EducaOnline, Volume 10, Nº 3, Setembro/Dezembro de 2016. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 08/01/2016 e aprovado para publicação em 30/12/2016.